

A organização enunciativa dos quadrinhos de Chico Bento sob uma perspectiva semiolinguística¹

Mariana R. Procópio (Universidade Federal de Viçosa)²

Mônica S. S. Melo (Universidade Federal de Viçosa)³

Sub-área comunicacional

Mediações e interfaces comunicacionais.

Resumo

Este trabalho tem por objetivo identificar representações sociais em Chico Bento. Através da interpretação semiolinguística das historinhas, espera-se obter acesso aos contratos de comunicação e às marcas e relações deixadas pelos sujeitos na trama textual. Para isso, além de se reconhecerem os sistemas semiolinguísticos de Patrick Charaudeau, deverão ser consideradas as estratégias do discurso e, conseqüentemente, da comunicação, bem como elementos da Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici.

Palavras-Chave

Análise do Discurso; História em Quadrinhos; Representações Sociais.

Abstract

This work intends to identify social representations in Chico Bento's comics. Through the semiolinguistic interpretation from the comics, it hopes to have access to the communication contracts and the signs and relations given by subjects in the textual texture. In order to, besides recognize the semiolinguistic systems from Patrick Charaudeau, it should be considered the discourse's strategies and, consequently, communication's strategies, as well the elements from the Social Representation's Theory by Serge Moscovici.

Key Words

Discourse Analysis; Comics; Social Representations.

1. Introdução

A comunicação é intrínseca ao comportamento humano. A partir de seu corpo, de seus gestos, de suas atitudes, o homem é capaz de informar sobre suas crenças, sua opção de vida, suas emoções, etc. É inegável que, dentre todas suas formas de expressão, a que

¹ Trabalho apresentado ao II Intercom Júnior do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduanda em Comunicação Social / Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa. marianaprocopio@yahoo.com.br

³ Professora Adjunta de Linguística no Departamento de Letras da UFV. Mestre em Linguística pela UFMG (1991) e Doutora em Estudos Linguísticos também pela UFMG (2003).

mais o caracteriza é o signo verbal. A fala deu-lhe consciência de si e do mundo, porque lhe possibilitou desenvolver o pensamento. No entanto, a necessidade de pensar com as mãos, ou seja, a vontade de projetar o pensamento de maneira mais objetiva, fez com que o homem criasse outros signos, outras linguagens para representação do seu interior e o mundo.

Pode-se dizer que, atualmente, os homens têm utilizado as chamadas Representações Sociais (RS) para compreender o mundo e se comunicar. Essas representações são modelos de referência do senso comum e saberes populares. Elas são elaboradas e compartilhadas socialmente, com a finalidade de construir e interpretar o real e de familiarizar o não familiar.⁴

O discurso é uma fonte para o reconhecimento, para a produção e para a cristalização das representações sociais, pois nele significados e objetos sociais são construídos. Através da Análise do Discurso (AD) é possível encontrar um objeto multidimensional resultante da interação entre o mundo, enquanto realidade, e da linguagem, enquanto produção social de forma e sentido.

A Análise do Discurso deve ser entendida como um instrumento metodológico interdisciplinar, que se vale do uso da língua em situações históricas determinadas e por sujeitos concretos. Nessa perspectiva, não é possível pensar na linguagem como um sistema normativo, ou seja, é preciso enxergar o que está além do domínio da Linguística. É necessário que os modelos de análise da linguagem integrem os fatos que compõem as práticas sociais da linguagem.⁵

As histórias em quadrinhos (HQ's), identificadas como discursos de representação, permitem-nos que encontremos um conjunto de signos representantes de valores, normas, crenças e senso comum de uma sociedade manifestados no plano lingüístico e visual. O profissional que produz os gibis recebe uma influência da sociedade na qual vive e onde seu processo de criação pôde concretizar-se. Por esse prisma, é na instância discursiva que o sujeito encena uma dada significação e, não raro, esse processo registra suas marcas em um texto, materialização possível de um ato de linguagem.

No Brasil, as primeiras HQ's foram produzidas pelo italiano Ângelo Agostini. “*As aventuras de Nhô Quim*” ou “*Impressões de uma viagem à Corte*” eram destinadas ao

⁴ Moscovici:2003.

⁵ Charaudeau: 1999.

público adulto, e retratavam artisticamente a vida social e política da época. As primeiras décadas do gênero no país foram marcadas pela reprodução dos quadrinhos veiculados nos jornais norte-americanos e europeus.

A predominância dos quadrinhos estrangeiros tornou-se ainda mais definitiva a partir de 1950, quando a Editora Abril de Victor Civita, começou a publicar as histórias em quadrinhos Disney no país. No entanto, a partir da década de 60, multiplicaram-se as publicações e os personagens brasileiros. O personagem “*Pererê*”, criação de Ziraldo Alves Pinto, apareceu exatamente nesse momento.

É nessa época que surge no cenário nacional aquele que viria a ser o mais bem sucedido desenhista brasileiro: Maurício de Sousa. No *Jornal Folha da Manhã* (SP), Maurício lançou uma de suas primeiras criações: o cãozinho *Bidu* e seu dono *Franjinha*. Em 1970, foi lançada a *Revista da Mônica* já com tiragem de quase 200 mil exemplares. Posteriormente vieram as publicações de *Cebolinha*, *Chico Bento*, *Cascão*, *Magali*, *Pelezinho* e outros.

Devido à tendência herdada de encobrir as singularidades, buscando atingir um público maior, os personagens de Maurício de Sousa podem ser considerados como universais⁶. As características dos integrantes da Turma da Mônica podem até ser capazes de torná-los únicos, mas não são individualizantes o bastante para defini-los enquanto um grupo social.

Já o personagem Chico Bento, criado em 1961 e lançado em revista própria em agosto de 1982, busca representar a realidade do povo brasileiro que vive no ambiente rural, caracterizando a comunidade ligada aos valores da terra e da agricultura. Ele, juntamente com sua turma (amigos, pais, professora, vizinhos e animais), divulga o cotidiano da população rural brasileira e enfoca questões específicas desse segmento da sociedade.

É oportuno ressaltar que as historinhas do Chico Bento são instrumentos capazes de revelar o uso da língua em situações históricas determinadas e por sujeitos concretos. Através do estudo desse corpus (revistinhas do Chico Bento) pretendeu-se identificar as estratégias discursivas das histórias em quadrinhos e a partir delas encontrar as representações sociais referentes ao homem do campo e ao ambiente rural, veiculadas pelos

⁶ Vergueiro:1999.

gibis. Ao delimitar o *corpus*, incluiu-se, obrigatoriamente, nesta análise, a questão da diferença entre o rural e o urbano, não estando esses conceitos restritos apenas a espaços geográficos, mas sendo compreendidos também como espaços sócio-culturais.

Este estudo integrou os estratos visual e verbal, considerados sob o ponto de vista de sua organização enunciativa, tomando por base a Teoria Semiolingüística de Patrick Charaudeau e a Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici. A adoção desse corte epistemológico foi por ele apresentar conceitos altamente operacionalizáveis para proporcionar a compreensão dos atos de linguagem, permitindo que se recorresse tanto ao sistema da língua quanto à situação comunicativa (e com isso representativa) para a interpretação de textos.

Especificamente, buscou-se levantar os mecanismos de organização da estrutura enunciativa. Através da modalização foi possível apontar a maneira pela qual os sujeitos se posicionam. Além disso, através dos atos de linguagem foram identificados os parceiros do ato comunicativo, definidos respectivamente para Charaudeau como *sujeito comunicante* (EUc) e *sujeito interpretante* (TUi), marcados por uma identidade, psicológica ou social.

A amostra analisada foi constituída por 70 historinhas, de Chico Bento e sua turma, veiculadas em gibis entre os anos de 1995 e 2004. Estas histórias foram anteriormente categorizadas em agrupamentos temáticos⁷ e as escolhidas correspondem à categoria *Confronto Rural X Urbano*.

Para análise dos dados, não foram considerados apenas os níveis gramatical, lexical e textual. Outros componentes foram necessários à identificação da situação comunicativa. Informações acerca da realidade do homem do campo e pesquisa dos acontecimentos importantes ocorridos no contexto de produção dos quadrinhos do *corpus* serviram como embasamento teórico-instrumental para esta análise.

2. A teoria Semiolingüística e os modos de organização do discurso

A teoria Semiolingüística parte do pressuposto de que o ato de linguagem é o produto da interação de um emissor e receptor num dado contexto. Por serem pessoas distintas, as significações dadas a estes atos podem ser diferentes. No entanto, é necessário

⁷ Procópio: 2005.

que haja uma espécie de contrato de comunicação. Este contrato compreende uma série de convenções e restrições existentes entre os parceiros, definidas nas instâncias de produção e recepção discursiva, para que a compreensão e as estratégias comunicativas sejam válidas e se concretizem.

Percebe-se que o contexto histórico social não pode ser desconsiderado para que a comunicação se efetive. Em relação a esta importância do contexto, afirma Dias⁸:

“(...) a exterioridade social, longe de ser apenas um componente, é concebida como elemento intrínseco à atividade linguageira devido ao inter-condicionamento entre situações sociais recorrentes e comportamentos linguageiros”.

Para que a significação discursiva se efetive é necessário levar em conta a existência dos diferentes níveis do discurso. Há uma inter-relação entre o circuito interno (lingüístico) e o circuito externo (situacional) para a produção dos sentidos. Nesses circuitos encontram-se os quatro sujeito enunciativos EU e TU, duplicados em EUc (eu comunicante) e TUi (tu interpretante) no espaço do fazer (externo); EUe (eu enunciador) e TUd (tu destinatário) no espaço do dizer (interno).

Os modos de organização do discurso constituem princípios de organização da matéria lingüística que dependem da finalidade comunicativa do sujeito falante. Cada uma dessas ordens tem diversos componentes e a combinação desses diferentes componentes e modalidades permite compreender os tipos de discursos (pedagógico, jornalístico, publicitário, científico, etc.)⁹. Os quatro modos de organização do discurso são:

- Enunciativo: referente aos protagonistas, seres da fala, internos ao ato de linguagem. Traz a noção dos atos enunciativos, também chamados de atos locutivos, que podem ser de três tipos quanto à posição assumida pelo locutor: alocutivos, elocutivos e delocutivos.
- Narrativo: permite a construção de uma realidade a partir do desenrolar de ações sucessivas. Segundo Ferreira (*op. cit.*), “a ordem narrativa é descrita em torno de relações conceituais entre tipos de fazer (do ponto de vista dos atores) e tipos de ser (de qualificação dos atores)”.

⁸ Dias: 1998.

⁹ Ferreira: 2001.

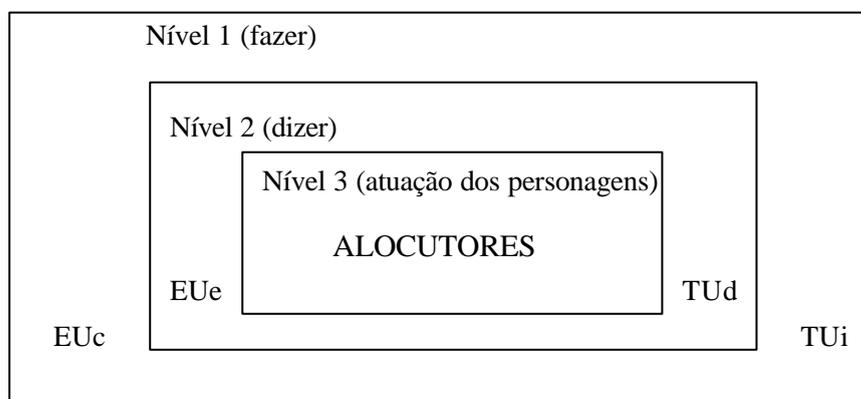
- **Descritivo:** reconstrói e qualifica universos segundo códigos sociais e de acordo com a finalidade de comunicação na qual está inserida. Nomeação e qualificação são componentes da construção descritiva.

- **Argumentativo:** processo intersubjetivo que envolve um sujeito que desenvolve uma proposição e outro que é alvo dessa argumentação. Para que essa persuasão ocorra é necessário que eles compartilhem representações sócio culturais. Procedimentos semânticos e discursivos funcionam para validar a argumentação.

2.1. Chico Bento e a estruturação enunciativa

Para que esta análise pudesse se efetivar, foi necessária a identificação dos diferentes sujeitos existentes nas condições de produção e interpretação dos quadrinhos de Chico Bento. Estes sujeitos bem como suas relações podem ser melhor compreendidos pelo esquema abaixo:

Quadro enunciativo das historinhas do Chico Bento



LEGENDA:

EUC – Maurício de Sousa e integrantes da MSP

TU_i – Leitor real da revistinha

EUE – Roteirista que escreveu a historinha

TU_d – Público Infanto-Juvenil

Alocutores – Personagens presentes nas narrativas (inclusive narrador, quando existente)

Percebe-se que na instância do fazer estão os seres definidos por uma identidade psicológica e social. Já no circuito do dizer, encontram-se outros dois parceiros. O EUE é aquele que dá voz aos personagens, baseado no que o EUC quer que seja dito. O TUD é o leitor ideal da historinha, é o receptor pressuposto pelo agente comunicador. No entanto, ele pode ou não coincidir com o TUi, uma vez que este será qualquer pessoa que leia as revistinhas de Chico Bento.

Os alocutores são os seres utilizados pelo EUE para encenarem uma determinada situação de comunicação. Através de uma análise das características da situação discursiva que eles representam, é possível encontrar pistas para descobrir particularidades do processo de criação daquela organização discursiva.

É na enunciação que o sujeito se situa em relação ao seu interlocutor, em relação ao contexto e em relação àquilo que ele próprio diz. Nessa amostra são os alocutores, os personagens, que exprimem seus posicionamentos. Essas posições podem ser explicadas a partir da modalização, onde identificamos as atitudes do enunciador.

A modalização é composta por atos enunciativos que dizem respeito a um comportamento particular do locutor. De acordo com Melo (2003), estes atos podem ser;

- **Atos Alocutivos** - se caracterizam pela presença explícita do interlocutor no ato da enunciação. Esse se faz presente através de pronomes pessoais, ou do uso de nomes próprios ou comuns que o identifiquem. Correspondem a esses atos modalidades como a interpelação, o aviso ou a interrogação.
- **Atos Elocutivos** - se caracterizam por explicitar a presença do locutor, que revela sua posição no seu enunciado. São exemplos de modalidades elocutivas: a opinião, a declaração e a promessa.
- **Atos Delocutivos** - os enunciados encontram-se sob forma impessoal, e não se identificam, explicitamente, nem a figura do locutor nem a do interlocutor.

Pelo fato das historinhas apresentarem muitos diálogos quase não há atos delocutivos. A maioria dos atos são alocutivos e elocutivos ao mesmo tempo. Os atos delocutivos, quando existentes, geralmente estão relacionados ao narrador. Sua fala marca principalmente os dados espaciais e cronológicos das narrativas. Algumas vezes, ele é o responsável por explicar siglas, expressões estrangeiras, gírias, “traduzir” a fala dos animais, contextualizar a história ou revelar sua moral.

Chico Bento é o único personagem presente em todas as histórias. É caracterizado por atos alocutivos e elocutivos, principalmente quando se refere a Zeca, seu primo da cidade. Sua presença é marcada formalmente através da conjugação verbal, do uso de pronomes pessoais e possessivos.

Chico geralmente faz uso de interrogações para se manifestar, pois ele sempre quer saber alguma coisa, sempre alguém da cidade quer lhe ensinar algo. Em alguns poucos momentos, ele se dirige para o seu leitor, através de convites para determinada ação. No entanto, esse leitor não é definido por nenhuma característica, apenas é incluído no ato elocutivo através da forma verbal *vamos*.

Apesar de seus atos alocutivos serem mais intensos, quando fala da roça, geralmente Chico se posiciona, caracterizando assim o ato elocutivo. Ele explicita principalmente os motivos que o fazem gostar do campo: os animais podem viver soltos, não há perigo, etc. Já quando fala da cidade para pessoas da roça, tende a usar atos delocutivos, havendo assim um distanciamento entre o dito e o personagem.

Figura 1

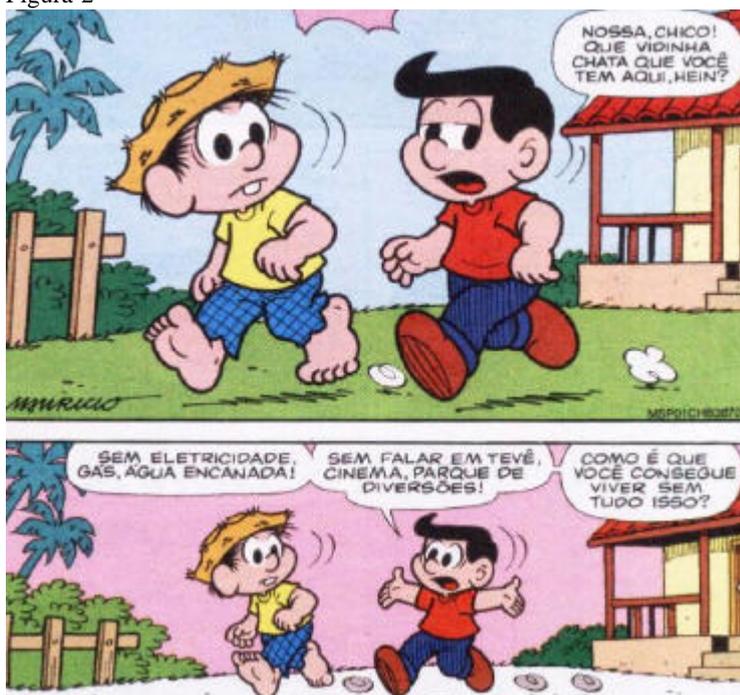


Fonte: Revista Chico Bento nº. 270

Zeca, o segundo personagem mais presente nas historinhas (46 aparições), também é caracterizado por atos alocutivos e elocutivos. No entanto, os atos elocutivos são mais expressivos. Ele utiliza atos alocutivos quando questiona Chico sobre coisas do campo, ou quando se surpreende com o desconhecimento de Chico sobre coisas da cidade. Faz uso de atos delocutivos para explicar coisas da cidade, da Tv, das tecnologias. (ex. “É o mundo inteiro conectado, trocando informações na mesma sintonia”.)

Zeca é mais rude em suas falas, utiliza construções que indicam impaciência. (ex. “Quer parar de olhar para a goiabeira e tirar logo essa foto?”) Assim como os demais personagens da cidade, o garoto fala em um tom declarativo e afirmativo, principalmente quando é para enfatizar suas idéias em relação a superioridade urbana e aos benefícios da modernidade.

Figura 2



Fonte: Revista Chico Bento nº. 387

As falas obedecem a uma estruturação assertiva quando os personagens dominam ou realmente acreditam naquilo que dizem. Chico, por exemplo, faz uso desse modo de falar quando se refere às lendas e costumes do campo. Já Hiro utiliza esta modalidade quando seu discurso é sobre a cultura japonesa. O uso das formas verbais *é*, *vai*, e *tem* é freqüente nestes casos.

O amigo japonês de Chico é o personagem que utiliza as três modalidades de atos locutivos de maneira mais uniforme. Os atos alocutivos se dirigem a Chico, e são geralmente explicações ou perguntas. Os atos elocutivos caracterizam Hiro enquanto japonês, suas opiniões, e suas atitudes (geralmente ligadas a cultura japonesa). Já os atos delocutivos também dizem respeito às tradições japonesas de modo geral.

A professora, Dona Marocas, tem poucas participações (6 aparições) nas historinhas desta categoria *Confronto Rural X Urbano*. Seus atos enunciativos são na maioria das vezes delocutivos, uma vez que ela fala sobre as matérias e conteúdos escolares com certa impessoalidade. Seus atos alocutivos geralmente são quando questiona os alunos sobre ensinamentos da sala de aula.

Os demais personagens que constituem as relações sociais dos primos não trazem particularidades quanto à modalização. Seus atos são alocutivos quando se referem aos garotos, são principalmente, na forma de declarações ou interrogações; já os atos elocutivos marcam a opinião ou comentários deles em relação ao garoto da cidade ou a Chico Bento.

O confronto entre o rural e o urbano não se dá apenas na língua, mas também no vestuário, nas brincadeiras, nos passatempos, no ambiente doméstico, no ambiente escolar, nos objetos pessoais e nas atitudes. O que se pode afirmar é que o campo é tratado de maneira idílica e sempre é visto como “melhor” neste confronto.

Entretanto é na linguagem que a diferenciação se mostra mais evidente. O distanciamento entre estes dois mundos é marcado formalmente por construções lingüísticas como: seu mundo – roça; nosso mundo – cidade; esse povo da roça; esse povo da cidade; nós da cidade é que sabemos. Esta observação nos leva a crer que o enunciador da mensagem acredita que o homem da cidade é mais convencido, e não sabe desfrutar os prazeres e tranqüilidade do campo.

Figura 3



Fonte: Revista Chico Bento nº. 362

Existe também uma segregação entre a cultura do campo e a japonesa. No entanto, nessa relação não há privilégios, não há vencedores. É mais uma questão de conhecer, de se informar. Tanto que algumas vezes Chico se vê em apuros por desconhecer os costumes japoneses, mas não é menosprezado por isso, como acontece em relação às práticas urbanas.

Para se autodefinir, Chico faz uso tanto de expressões de valoração positiva quanto negativa, como: “dizem que sou o melhor pescador da região”, “sou namorado da Rosinha, a menina mais bonita”, “melhor agarrador de porco lambuzado da roça”, “burro”, “nariz batatinha”, etc. Já Zeca sempre usa construções de cunho positivo para marcar sua posição sobre ele mesmo: “expert”, “estiloso”, “radical”, “rei das gatinhas”, etc.

As relações de poder podem ser encontradas, principalmente, através da fala. E o poder nem sempre está só ligado ao lado financeiro: pode se referir à intelectualidade. O “caipirês” só é falado por aqueles que não tem estudo ou que não têm posição de destaque, por dinheiro ou status, na roça. Dona Marocas, Hiro e Zé da Roça são personagens que vivem na roça e não falam o “caipirês”.

Os demais personagens rurais não obedecem às normas da língua culta. Além disso, também não seguem a ortografia das palavras e utilizam a informalidade excessivamente. Expressões como *vixi Maria, troço, uai, ara, eita, bão, intão e cumé*, corroboram esta proposição.

3. Considerações Finais

As referências ao contexto histórico são fortes. Assuntos como clonagem, apagão, celulares, programas de TV e ídolos da mídia foram retratados. Não entanto, assuntos e peculiaridades vividas no ambiente rural atualmente, foram deixados de lado. Em nenhum momento é discutida a questão dos sem-terras, da reforma agrária, dos transgênicos ou dos latifundiários.

Estas observações nos apontam para um descompromisso político dos sujeitos enunciatador e comunicante. Apoiados na pressuposição de seu tu-destinatário ser constituído pelo público infante-juvenil, eles se esquivam de definir um posicionamento frente a essas problemáticas.

Mas vale ressaltar que a maioria das crianças que tem acesso a este tipo de publicação tem um padrão de vida que lhes permitem ter acesso a telejornais, a Internet, a jornais e revistas. Isto quer dizer que estes assuntos costumam fazer parte de seu universo informativo e que as histórias em quadrinhos poderiam servir como um instrumento didático para a abordagem destes questionamentos.

3. Referências Bibliográficas

CALAZANS, Flávio. **História em quadrinhos na escola**. São Paulo: Paulus, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick. Análise do discurso controvérsia e perspectivas. In: MARI, Hugo (et al.). **Fundamentos e Dimensões da Análise do Discurso**. Belo Horizonte: Carol Borges Núcleo de Análise do Discurso/ FALE-UFMG, 1999. p. 27-44

DIAS, Dylia Lysardo. Clichê e leitura nas histórias em quadrinhos. In: MARI, Hugo. (Org). **Categorias e Práticas de análise do discurso**. Belo Horizonte: Carol Borges Núcleo de Análise do Discurso/ FALE-UFMG, 2000. p. 175-183

FEREIRA, Jairo. A Significação em Listas de Discussão: uma análise do discurso. In: Colabora. **Revista Digital da CVA**. Curitiba: RICESU, v.1, p. 57-71, 2001.

MACHADO, Ida Lúcia. Análise do Discurso e seus Múltiplos Sujeitos. In: MACHADO, Ida Lúcia. (et al.). **Teorias e Práticas Discursivas**. Belo Horizonte: Carol Borges Núcleo de Análise do Discurso/ FALE-UFMG, 1998. p.111-122

MELO, Mônica Santos de Sousa. **Estratégias Discursivas em Publicidade de Televisão**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2003. Tese de Doutorado

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Tradução por Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2003.

PROCÓPIO, Mariana Ramalho. Chico Bento: Uma análise das práticas educativas rurais e dos valores do campo difundidos pelo personagem de Maurício de Sousa. In: XXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO. **Anais**. Rio de Janeiro: INTERCOM, 2005.

SOUSA, Maurício de. Turma da Mônica. Disponível em www.turmadamonica.com.br Capturado em 15/07/05.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Alguns aspectos da sociedade e da cultura brasileiras nas histórias em quadrinhos.** Revista Açaquê: 1998. v.1. n.1. Disponível em www.eca.usp.br/nucleos/nphqueca/agaque/indiceagaque.htm. Capturado em 03/07/04.

_____. **A odisséia dos quadrinhos infantis brasileiros: Parte 1 : De O Tico-Tico aos quadrinhos Disney, a predominância dos personagens importados.** Revista Açaquê: 1999. v. 2. n. 1. Disponível em www.eca.usp.br/nucleos/nphqueca/agaque/indiceagaque.htm . Capturado em 03/07/04.

_____. **A odisséia dos quadrinhos Infantis brasileiros: Parte 2: O predomínio de Maurício de Sousa e a Turma da Mônica.** Revista Açaquê: 1999. v. 2. n. 3. Disponível em www.eca.usp.br/nucleos/nphqueca/agaque/indiceagaque.htm . Capturado em 03/07/04.